

UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DO CAMPO

**UM OLHAR SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO NA VILA
SORORÓ E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO LOCAL**

NEUZA MACHADO ARAÚJO

MARABÁ – PA
2017

Neuza Machado Araújo

**UM OLHAR SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO NA VILA
SORORÓ E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO LOCAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação do Campo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, como requisito para obtenção do título de licenciatura em Educação do Campo.

Orientadora: Professora Dra. Maria Neuza da Silva Oliveira

**MARABÁ-PA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca Josineide da Silva Tavares da UNIFESSPA. Marabá,PA

Araújo, Neuza Machado

Um olhar sobre o processo migratório na Vila Sororó e seus impactos na educação local / Neuza Machado Araújo ; orientadora, Maria Neuza da Silva Oliveira. — 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Educação do Campo, Curso de Licenciatura em Educação do Campo, Marabá, 2017.

1. Migração. 2. Migração interna. 3. Imigrantes - Assimilação cultural. 4. Migração - Aspectos sociais. 5. Educação rural. I. Oliveira, Maria Neuza da Silva, orient. II. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. III. Título.

CDD: 22. ed.: 304.8

NEUZA MACHADO ARAÚJO

**UM OLHAR SOBRE O PROCESSO MIGRATÓRIO NA VILA
SORORÓ E SEUS IMPACTOS NA EDUCAÇÃO LOCAL**

BANCA EXAMINADORA

Professora Dra. Maria Neuza da Silva Oliveira (Orientadora)

Professora Ma. Ailce Margarida Negreiros Alves – Faculdade de Educação do Campo/
UNIFESSPA

Professora Ma. Cristiane Vieira da Cunha - Faculdade de Educação do Campo/
UNIFESSPA

Resultado: _____

Conceito: _____

Dedico este trabalho ao povo da comunidade de Vila Sororó, tanto os moradores atuais, quanto em memória dos que aqui não residem mais, ou por terem buscado novos horizontes ou morreram, dando significado à vida aqui vivida, pois através da persistência e desejo de mudanças melhoraram o aspecto deste lugar, trazendo mudanças significativas para a comunidade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Deus por está ao meu lado em todo momento contribuindo para que, mesmo com tanta dificuldade no decorrer do curso e do trabalho, tenha chegado a conclusão conhecendo mais sobre a história da comunidade de Vila Sororó.

A população de Vila Sororó que contribuiu com minha pesquisa sempre que requerida e se deixou ser pesquisada.

Aos meus filhos que são fontes de inspiração para que eu continue buscando novas fontes de conhecimentos, mesmo quando me sinto cansada pela lida diária de uma mulher campesina.

Enfim ao meu esposo Antônio Braga, que tem me dado apoio incondicional para que minhas metas de vida sejam finalizadas com sucesso, e todos que contribuíram para esse momento.

*A verdadeira viagem da descoberta consiste não em
buscar novas paisagens, mas em ter olhos novos.*

(Marcel Proust)

RESUMO

O presente trabalho procura entender o processo migratório e quais os impactos relacionados a educação da comunidade local. A pesquisa mostra que este processo tem contribuído com as transformações causadas na vida dos migrantes que chegam a Vila Sororó. A migração traz um conjunto de conhecimentos que vem atrelado a cada migrante que chega à localidade de Vila Sororó, onde os hábitos e costumes são acréscimos de oportunidades de novas experiências. O estudo reflete sobre os impactos que o processo migratório causa nas atividades da educação local. Vila Sororó é tida como ponto de chegada e partida, como se fosse uma rodoviária e os impactos sejam positivos ou negativos caminham lado a lado. A pesquisa teve por objetivo verificar os impactos provocados pelo processo migratório na Vila Sororó no contexto da educação, e procurou responder quais são estes impactos e quais suas consequências para a educação local.

Palavras -Chave: Migração; Educação; Vila Sororó.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Conflitos pela posse da terra em áreas de castanhais no município de Marabá..	20
Imagem 01: Localização da Vila Sororó no território brasileiro (2017).....	23
Imagem 02: Imagem aérea da Vila Soror (2009).....	23
Imagem 03: E. M. E. F. Ir. Adelaid Molinari.....	31
Tabela 01: Informações gerais de quantidade de alunos, professores e sala (2017).....	31
Tabela 2 -Estatística geral de alunos.....	34

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 01: Considerações Sobre Processo Migratório	14
1.1 Início migratório na região.....	15
1.2 O Ciclo do caucho.....	16
1.3 Ciclo da castanha.....	17
1.4 Os Conflitos pela terra.....	19
1.5 O Ciclo do ouro	22
1.6 Sobre a vila Sororó nos dias atuais	22
1.7 Sobre o comercio local	25
Capítulo 02: Migração e Educação	28
2.1 O contexto educacional em vila Sororó	29
2.2 A escola M. E. F.IR. Adelaide Molinari	31
2.3 Impacto na educação local	32
2.4 Fluxo de alunos: estatística geral de alunos	34
Considerações Finais	38
Referências	40
Apêndices	43
Anexo	49

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa apresenta o processo migratório na Vila Sororó, localizada no município de Marabá, sudeste do Pará, e tem como objetivo verificar quais são os impactos provocados pelo processo migratório nessa localidade, no contexto da educação. O estudo mostra como este processo tem contribuído com as transformações causadas na vida dos migrantes, percebendo o acervo de conhecimento que vem atrelado a cada migrante que chega na Vila Sororó, onde os hábitos e costumes são acrescidos de oportunidades de novas experiências seja de caráter social, cultural ou educacional.

O fenômeno da migração é uma atividade que não é de exclusividade da comunidade de Vila Sororó, pois tem acontecido desde tempos antigos. Segundo Marinucci e Milese (2002, p.01), “O Brasil foi povoado por centenas de povos com línguas, tradições culturais e religiões diferentes”. Dando a ideia que a região pesquisada tem origem em um procedimento migratório, movimento este que continua acontecendo até os dias de hoje, causando transformações na vida dos envolvidos e no espaço explorado.

A migração não é tema recente, sendo objeto de estudo há muito tempo, contudo, a partir de 1960 há um aumento na análise da migração, principalmente no aspecto rural/urbano (DAMIANI, 1997). O 1º Congresso Internacional sobre Geografia da População na Universidade de Srtª Andrews na Escócia, exemplifica bem essa importância, onde de 79 trabalhos publicados, 72 abordaram migração como parte de seu tema principal (PÉREZ, 2010). Contudo, apresentar o fenômeno da migração na realidade vivida na comunidade da Vila Sororó é algo que pode acrescentar, e valorizar o fortalecimento das culturas existentes na localidade, haja vista que são notórias as mudanças ocorridas nos hábitos culturais da comunidade a cada costume que se agrega aos já existentes.

Esta pesquisa traz em seu conteúdo as informações dos relatórios de Tempo Comunidade realizados no decorrer do curso, assim sendo, a pesquisa informativa do processo migratório de Vila Sororó está contida no 5º relatório, coletando informações na prática de estágio com alunos de porta em porta, com entrevistas, cujo, questionário tem como tema “Migração”, despertando a leitura do espaço. Trazendo a importância da realidade no processo migratório e o crescimento da população e os problemas sociais *in loco*, tanto dentro como fora dos muros da escola, além da sala de aula.

Este estudo teve como norte a seguinte questão: Quais são os impactos provocados pelo processo migratório na Vila Sororó no contexto da educação local?

Para responder tal questionamento foi colocado como objetivo geral, deste trabalho, verificar a influência do(s) processo(s) migratório(s) na Vila Sororó, no que se refere a educação local. Para que fosse alcançado o objetivo geral proposto foram eleitos como objetivos específicos: Apresentar o processo migratório da Vila Sororó; Contextualizar as escolas da Vila Sororó; Mapear os Impactos nas Atividades da Educação na Vila Sororó.

A escolha desta comunidade se deu porque é lugar de vivência comum desde 1992. Entretanto, o local é citado pelos moradores como Sororó desde 1990, quando ainda era apenas um cruzamento, ou seja, entrada para Vila Itainópolis, na época era uma localidade às margens da rodovia PA150, “sem vida” e “sem perspectivas” de futura comunidade. Devido ao grande fluxo de ir e vir de pessoas que se achegam a esta localidade, se faz necessário um estudo a respeito deste movimento.

A educação foi escolhida como foco deste estudo, pois, tal fenômeno tem início e fim na família, e ocorre ao longo da vida dos seres humanos. O tema promove possibilidades únicas de pesquisa, oportunizando um olhar mais preciso sobre o processo migratório da comunidade pesquisada, principalmente, quando o foco é a educação formal da localidade.

O estudo do processo migratório envolve mais do que somente o deslocamento de um lugar para outro, tem transformações e motivações envolvidas. Motivações estas que não se descobre somente no olhar, se não através de uma pesquisa que envolva questionamentos e pontos de vista distintos, o das pessoas que estão inseridas no processo investigado.

Esta pesquisa se justifica pela relevância de seus resultados que poderão ser usados como ponto de partida para outros estudos a respeito não só do fenômeno migratório, como, também, de outros impactos envolvendo toda uma estrutura, tanto de espaço físico, crescimento comercial, transporte e impactos na educação local.

A pesquisa desenvolvida na comunidade da Vila Sororó utilizou instrumentos metodológicos qualitativos e quantitativos. Segundo Pearce (2012, p.13) o básico para garantir o “rigor e, logo, a qualidade é um desenho sistemático e autoconsciente da pesquisa” e este, “aplica-se tanto a investigação qualitativa como a quantitativa”.

O percurso metodológico do referido estudo valeu-se de instrumentos como entrevistas para obter a informação sobre a origem dos moradores, foram entrevistadas 111 famílias, além de conversas informais com os moradores mais antigos, observações *in loco* e questionários aplicados a membros da comunidade, em uma tentativa de buscar respostas satisfatórias. As revisões literárias dos temas trabalhados também fizeram parte do percurso metodológico e foram de suma importância para a elaboração deste.

O capítulo 1 traz informações gerais sobre o fenômeno da migração, permitindo mais clareza sobre o assunto pesquisado, além de uma breve apresentação do histórico dos ciclos econômicos da região, buscando demonstrar a contribuição para a colonização e surgimento da comunidade Vila Sororó, fazendo menção aos conflitos agrários ocorridos pela posse da terra. Apresenta ainda a migração e seus impactos sobre o comércio local, fazendo uma reflexão sobre a mesma e os impactos sobre a educação local, tendo foco o contexto educacional da Vila, buscando demonstrar os impactos causados pela migração. Para tal, se fez necessário um estudo da estatística de alunos da escola para perceber o fluxo do vai e vem dos alunos migrantes e o crescimento da comunidade. O capítulo traz a questão da problemática e a discussão sobre os impactos causados na educação oferecida na comunidade.

O segundo capítulo apresenta a formação da comunidade, surgida às margens da PA150, hoje BR155, no Km 35 da rodovia, para isto foi fundamental voltar um pouco na história da região, que envolve a comunidade pesquisada e fazer uma releitura dos fatos acontecidos no sudeste do Pará, motivo pelo qual foi usado como ponto de partida o período da exploração do caucho, a castanha, as grandes propriedades e até mesmo a mineração.

Com uma ótica mais adequada pode-se visualizar o nascimento de uma povoação onde a sociedade possui particularidades que se solidificam e unem-se a favor de interesses particulares e coletivos. Para tal feito foi utilizado como apoio literário a obra “A Oligarquia do Tocantins e o Domínio dos Castanhais” escrita por Marília Emmi (1988), material que faz parte da coleção Igarapé.

Para desenvolver a pesquisa, também houve a contribuição de 15 alunos do 6º ano da escola Irmã Adelaide Molinari, entre os meses de março e maio do ano de 2016. O intuito da colaboração dos alunos no processo de pesquisa foi para contribuir no reconhecimento de suas histórias e aprofundar a integração sociocultural entre os próprios educandos envolvidos na pesquisa. Segundo Pacheco (2007, p. 19) “A necessidade de reformular as relações do ensino-aprendizagem promovidas pela escola vem estimulando os educadores a desenvolverem iniciativas pedagógicas diferenciadas”. Esta reformulação tem sido presente na educação da comunidade, permitindo a criatividade dos educadores em busca de melhorias e estreitamento no contato com os migrantes chegados a Vila Sororó.

CAPÍTULO 01: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE PROCESSO MIGRATÓRIO

Segundo Ramos (2012), O vocábulo “migração” é contemporâneo das primeiras migrações transatlânticas, que se seguiram à descoberta da América no final do século XV. A migração acompanha a integração de muitos países do Sul no sistema global e contribui para o seu crescimento e desenvolvimento.

Para Becker (1997), a migração pode ser definida como mobilidade espacial da população. Sendo um mecanismo de deslocamento populacional, reflete mudanças nas relações entre as pessoas (relações de produção) e entre essas e o seu ambiente físico. Ainda de acordo com o processo migratório este traz problemas sociais tanto no aspecto positivo quanto no negativo, inclusive no que se refere às instituições formais de ensino, mostrando uma realidade que reflete tanto, dentro da escola, quanto no seu cotidiano externo.

A migração leva a diversas implicações tanto para o migrante como para a região de destino. A decisão de migrar é um evento de extrema importância na vida de um indivíduo, pois, ele ou ela não estará apenas se deslocando de um lugar para outro. Na verdade, ao decidir migrar, o indivíduo incorre em custos de deslocamento, custos emocionais, como também corre o risco de não encontrar emprego ou então de não encontrar um emprego que compense os custos iniciais e seus custos de sobrevivência (SJAASTAD,1962. 70, 80-93p).

Essa análise social da estrutura, entende-se na esfera urbana e rural, onde ocorre deterioração em vários aspectos da vida de cada indivíduo e seus familiares sem esquecer das possíveis alterações no que se diz respeito as relações interpessoais entre os que vivem na localidade. Isso altera a essência dos valores culturais, sociais e econômicos da região de origem, absorvendo parte da cultura do ponto de chegada, levando a uma possível marginalidade que aponta o efeito.

Segundo Marinucci e Milese (2002, p.10), “o Brasil foi povoado por centenas de povos com línguas, tradições culturais e religiões diferentes”. Isso explica a diversidade de costumes, dialetos de regionalismo, culinária e culturas diversas em mesmo lugar.

Becker (1997, p. 325), por sua vez, referindo-se à migração, traz a seguinte reflexão:

Um novo paradigma das migrações está em gestação como resultante da atual internacionalização da economia; desenvolve-se numa conjuntura

onde de um lado ocorre a reestruturação tecnológica e, de outro, o aprofundamento da exclusão social.

Percebe-se que, segundo Becker (1997), o desenvolvimento da economia também provoca um desequilíbrio social, mantendo o migrante em uma condição de exclusão. Nessa perspectiva, a interação dos migrantes na comunidade social tem formas específicas que no decorrer das gerações futuras, tende a provocar maneiras diversas de convívio entre os descendentes de migrantes com a sociedade de convivência.

O processo migratório, também, causa impactos no desenvolvimento local. De acordo com Polése (1998, p.217)

Mais do que um simples conceito, o Desenvolvimento Local é um ideal e traz consigo a promessa de um modelo alternativo de desenvolvimento, de uma solução para o problema do desenvolvimento desigual, para o crescimento impelido por forças externas.

Para acontecer um desenvolvimento mesmo com desigualdade social é preciso de mobilidade espacial de populações, causando impactos em todos os setores, seja no comércio, transporte, infraestrutura ou na educação.

Saber melhor significa precisamente ir além do senso comum a fim de começar a descobrir a razão de ser dos fatos [...] começando de onde as pessoas estão, ir com elas além desses níveis de conhecimento sem transferir o conhecimento (FREIRE, 2003, p. 159).

Sobre este movimento, de idas e vindas, Freire (2003) deixa claro a importância de procurar ouvir, e entender, como o migrante pode trazer de bagagem significativa e a capacidade de perceber o que se passa antes de realizar a troca de informações através do conhecimento mútuo, levando a crer que a informação possa mais que somar, modelar os conhecimentos preexistentes.

1.1- O início migratório na região da vila Sororó

A comunidade de Vila Sororó está localizada no km 35 sentido Eldorado dos Carajás na BR 155, em área de zona rural, porém com áreas urbanas, possuindo 3.802 famílias (associação de moradores rurais do Piquiá I).

Os ciclos econômicos também foram motivos migratórios para esta região. Segundo Brandão (2007, p.23) “A região apresenta [...] aspectos deletérios que originam diferentes dinâmicas de vida e economia, [...] tal situação promoveu inúmeros circuitos de produção econômica”. Ainda sobre os ciclos econômicos da região, para Emmi (1988, p. 4), “a história de Marabá desde seus primórdios até recentemente, é a história das lutas [...]”. Lutas pela sobrevivência e uma vida melhor onde as dores e sofrimentos ficavam de propriedade dos pobres e desvalidos e os lucros e fortunas, eram dos senhores que estavam no domínio em cada época.

De acordo com o Ministério da Fazenda (2016, p. 3), “Em uma perspectiva global, os países latino-americanos em geral, e particularmente o Brasil, destacam-se pela elevada desigualdade da distribuição da renda”. Em relação a essa afirmativa, denota que a forma de distribuição dos ganhos das lutas do dia a dia em busca de sustento, a distribuição dos ganhos é desfavorável para os de poucas posses.

Neste sentido, se nota como eram as divisões no passado quando os primeiros colonizadores migraram para esta região e o coronelismo era a lei vigente. Mesmo as pessoas que aqui chegaram, estavam em busca de mudanças de vida. Como se faz até os dias de hoje. Foi durante os ciclos econômicos que a migração tomou proporções maiores, pois os mesmos ditaram o direcionamento para a fortuna de poucos e desgraça de muitos, sobretudo, migrantes. Neste sentido pode-se dizer, também, que a migração acontece pela necessidade da expansão do capital.

Segundo Rossini (1996, p. 578), “na realidade, a migração se constitui em um movimento necessário ao desenvolvimento capitalista”. Desta forma essa necessidade para o desenvolvimento acontece de maneira mutua, onde o migrante é um “colaborador” do sistema econômico.

1.2 - O ciclo do caucho

A localidade hoje conhecida como Marabá começou a crescer através da extração do látex utilizado na produção de borracha. A grande quantidade de matéria prima, atrelada ao crescimento comercial, atraíram muitos migrantes que buscavam oportunidades de emprego e renda para si e suas famílias, pois de acordo com as afirmações de Carvalho

A fama dessa riqueza atraiu quantidade inumerável de gente de todas as partes do Brasil e uma onda interminável de emigrantes da Bahia,

Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco e Maranhão transitou pelo porto de Imperatriz em busca do Eldorado do Itacaiúna. Desde o Piauí, todo o sertão exportou viveres, carne de boi e de porco; toucinho, farinha sêcca de puba, assucar, rapadura, cachaça, tabaco, doces, queijos, gallinhas, ovos, bois vivos, porcos e vaccas paridas, até laranjas, aboboras e inhames para a phantastica e maravilhosa Marabá, surgida de repente como obra da magia na foz do escuro rio Tacaiuna (CARVALHO, 200, p.167).

A atividade trouxe muitos imigrantes nordestinos para a região, dando início ao inchaço populacional, que a localidade não estava preparada para acomodar. De acordo com Carvalho (2000, p.174), a descoberta do caucho nestas terras teria sido realizada, em 1896 por “Hermínio e Antônio Pimentel, naturais da vila do Riachão no Maranhão, os quais, atraídos pelos altos preços por que os bois eram vendidos em Itapeocu, no Pará, levavam boiada para vender”.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Mattos (1996, p.18) menciona que “a tarefa de extração do caucho era uma ocupação solitária, onde o trabalhador muitas vezes estava só ou na companhia de sua mulher” e “Para se obter a seiva de caucho a árvore era cortada a golpes de machadinhas”, no qual por falta de conhecimento do caucheiro a respeito do manuseio na extração do látex, o trabalhador provocava danos na árvore de caucho, esgotando a força produtiva do exemplar, motivo este que culminou com a extinção da árvore de caucho nesta região.

1.3 - No ciclo da castanha

Conforme afirma Emmi (1988, p.4) “[...] a economia de Marabá se apoiou quase que exclusivamente no extrativismo da castanha do Pará”. Neste período de exploração econômica dar-se a dita “exploração livre”, período que não durou muito, pois logo deu-se início as ocupações dos castanhais de diversas formas “[...], desde o caso de compra direta ou mediante títulos da dívida pública do Estado até o arrendamento e aforamento dos castanhais”.

Segundo Mattos (2013, p. 34), “A exploração da castanha do Pará foi uma das mais importantes molas econômicas e a atividade extrativista preponderante em Marabá, até meados dos anos 80 do século XX, estimulando o crescimento da cidade”. Conta os mais

antigos migrantes e filhos de migrantes nascidos na região, que muita gente chegou para a exploração da castanha, que na região era abundante. A riqueza dos senhores de castanhais foi a desgraça de muitas famílias de migrantes que buscavam melhorias de vida. Essas pessoas eram contratadas por pessoa responsáveis por recrutar castanheiros e levados para os castanhais, recebiam suprimentos para sobreviverem na mata, fornecidos pelos senhores da castanha a preços mais que dobrados. O castanheiro tinha que trabalhar tempos além do combinado, ainda saía devendo o patrão e não obtinha lucro.

Os migrantes que chegavam para trabalhar nos castanhais da região, em sua maioria, era de naturalidade nordestina, pessoas acostumadas na lida e trabalhos forçados, muitos ou quase todos não sabiam ler, (analfabetos) fator este que facilitava o jugo, os mandos e desmandos dos patrões, conforme informações em conversas com pessoas que vivenciaram momentos dessa época na região

Ainda em conversas com moradores antigos, os quais contam que os castanheiros passavam os períodos de coletas nas matas ‘trabalhando em regime de escravidão’ e muitos se resignavam a estes termos, pois ‘temia a morte’, acontecimento costumeiro sempre que um senhor de castanhal não concordava com o castanheiro.

No serviço da castanha existiam serviços distintos dentro dos castanhais, os castanheiros constituíam a base do sistema, recebiam a menor remuneração, mesmo sendo a figura mais importante. Eram os responsáveis pela coleta dos frutos (ouriço), do corte para extrair as amêndoas, marcação do direcionamento (uma espécie de mapeamento da área) para o tropeiro, este na escala tinha remuneração equiparada ao castanheiro, mas tinha função distinta, era o responsável pelo transporte das amêndoas.

Depois que as amêndoas eram empilhadas no meio das matas geralmente protegidas por uma cobertura de folhas na maioria de Sororoca, (vegetação semelhante a bananeira) então entrava em ação o tropeiro conduzindo uma tropa de burros para o transporte das amêndoas sobre os animais que eram treinados a obedecer aos comandos dos tropeiros, que se utilizavam de um reio e gritos para os comandos.

“Os tropeiros colocavam as castanhas em sacos e transportavam para os barracões que se localizavam na sede dos castanhais, onde era calculada a quantidade de castanhas coletadas pelos castanheiros responsáveis por aquela coleta”¹. Lembrando que isso era o acontecimento rotineiro nos castanhais mais organizados. Narrativa de acordo com esta

¹ Informações dadas através de narrativas de Antônio José Neves de Souza, filho de encarregado de castanhal no período do ciclo da castanha.

citada acima são histórias vivenciadas por familiares de castanheiros da época, que relembram dos fatos com clareza.

No período dos castanhais a região em pesquisa já recebia moradores, pois fazia parte das terras de castanhais. Nada em forma de vila, somente moradores de castanhais que muitas vezes se posicionavam com familiares perto da sede, contudo havia a necessidade de estarem mais pertos das localidades em que faziam a exploração das amêndoas de castanhas do Pará, deslocavam-se para estas áreas e moravam em barracos improvisados, enquanto durava o período da coleta da castanha.

1.4 - Conflitos pela terra: algumas considerações

Para entender melhor essa problemática, foram utilizados dados extraídos da pesquisa feita por Emmi (1988, p. 38-39). As informações foram copiadas no quadro I onde a autora apresenta segundo os períodos de anos, os municípios, os castanhais e os envolvidos nos conflitos pela posse da terra, momentos estes que se tornaram marcos em relação ao direito à posse.

Quadro 1 - Conflitos pela posse da terra em áreas de castanhais no município de Marabá

Ano de Início de Conflito	Município	Nome do Castanhal	Envolvidos
1976	Marabá	Viraçãozinho	João Anastácio Queiroz Filho x 80 famílias de Lavradores
1976	Marabá	Buriti	São Saulo Van Rondow e Maria Moussalem x 40 famílias de Lavradores
1978	Marabá	Bela Vista	E. Mutran x Lavadores
1978	Marabá	Bela Vista	E. Mutran x Lavadores
1979	Marabá	Mãe – Maria	João Anastácio Queiroz Filho x 150 Lavradores
1979	Marabá	Sem denominação (Limite Município de Itupiranga)	M. Mussalem e Salim Mussalem x 50 famílias de Lavradores
1979	Marabá	Sem denominação (Margem esquerda do Rio Itacaiunas)	A. Silau Amoury x 15 famílias de Lavradores
1980	Marabá	Gleba Café	Nair Santana e “Carne Roxa” x 25 fam. Lavradores
1980	Marabá	Pau Seco (Cametaú)	M. Card. Neto (Nelito) e Jose Pereira da Nobrega (Marinheiro) x 178 Lavradores
1981	Marabá	Fortaleza	A. Q. Moraes x Lavradores.
1981	Marabá	Sem denominação.	Antônio Ribeiro x Lavradores
1983	Marabá	Tabocão	Alzira Mutran x Lavradores
1984	Marabá	S. Jose e Pau Ferrado	Ed Castor x Lavradores

Fonte: (EMMI,1988)

Depois de muito trabalhar produzindo riquezas para outros e com o aumento populacional na localidade, começa então os conflitos pela terra. De acordo com Emmi

(1988, p. 134) “Os conflitos pela posse da terra na região de Marabá ganham maior evidência na década de 1970[...] porém, no final deste período e início de 1980, a violência no meio rural foi intensa, os conflitos marcantes. “[...] Esses conflitos opõem: grupos de trabalhadores rurais recém chegados à área, ou de moradores antigos e grupos indígenas aos representantes da oligarquia da castanha” (EMMI 1988, p. 134).

Este foi o momento em que os trabalhadores buscaram estabelecer uma postura de requerer direitos e possibilidades de melhorias de vida. Por muito tempo esses trabalhadores deram tudo de si no trabalho e nada tinham de seu, pois tudo que tinham produzido na sua história de vida campesina pertencia a outros, que por muitas vezes eram donos não somente das terras onde esses trabalhavam, mas de certa forma se colocavam como proprietários das pessoas que trabalhavam para eles, regulando o ir e vir a seu bel prazer.

Contudo a de se pensar que a figura do coronel ou o coronelismo é coisa de tempos antigos. Porém Serejo provoca a reflexão, afirmando o seguinte:

O coronelismo não desapareceu totalmente como acreditam muitos especialistas no assunto, conseguindo amoldar-se as novas exigências do sistema capitalista, em sua expansão, e ao mesmo tempo mantendo os aspectos da estrutura econômica, social e política que constitui os sustentáculos do sistema coronelista, de maneira a garantir a continuidade do seu poderio (SEREJO,1980, p.26).

Percebe-se que para o autor acima mencionado a figura do coronel perpetua-se em novas áreas do sistema.

Quanto a distribuição de terras na região, segundo Emmi (1988, p. 5), “Até os anos 50”, o quadro era, “terras dos índios, terras dos camponeses”, que se encontrava em “continua redução”, e os “latifúndios dos exploradores de castanha em continua expansão”. A autora acima também afirma que nos anos 70 com a Política de Integração Nacional há o declínio do poder político das famílias. Pois os castanhais deixam de ser monopólio dos comerciantes de castanha e é compartilhada com empresas estatais, como, Vale do Rio Doce ou privadas, como o Banco Bamerindus, ou ainda apropriada para a construção da rodovia Transamazônica, bem como, para projetos de colonização realizados pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

1.5 - No ciclo do ouro

Segundo os relatos históricos sobre o ciclo do ouro, Serqueira (2009, p.25), afirma que: “O país ficou marcado pela grande quantidade de ouro encontrado durante os séculos XVII e XVIII. Após esse período, acreditava-se que não haveria mais nenhuma grande jazida de ouro no país. No entanto, em 1980 surgiu a Serra Pelada”. Contudo, mesmo com este período de riqueza, a desigualdade permaneceu.

Nesta busca por riqueza imediata, com desejo de “bamburrar” (ficar rico), novamente explode o movimento migratório para a região, muitos deixaram suas famílias e rumaram para estas terras em busca da dita felicidade da fortuna. Marabá se tornou um ponto de visibilidade no mapa do Brasil outra vez, tanto no ponto de vista da prosperidade quanto da criminalidade e desgraça para muitos.

Muitas vidas se perderam no cenário áureo de 1980 em Marabá, filhos ficaram sem pais, mães sem filhos, a dor e a desgraça viviam envoltas na riqueza do ouro que saía de nossa região para lugares longínquos. Casos de homens dormirem pobres e logo nas primeiras horas do dia se tornar ricos e às vezes nem conseguiam usufruir da riqueza, outro lhe tomava o bem e a vida.

É nesse período em que os homens da cidade de Marabá, ou melhor, do Brasil inteiro buscavam fortuna nos garimpos, principalmente, o de Serra Pelada, em uma corrida louca para se apossarem da fortuna do ouro, em que homens da cidade e do campo deixavam suas maiores riquezas (famílias). E nesse frenesi de vai e vem de veículos e em meio a conflitos agrários nasce à localidade em questão, a Vila Sororó, que no início não passava de poucas moradias a beira da PA 150².

1.6 - Sobre a vila Sororó nos dias atuais

A Vila Sororó é uma comunidade de zona rural onde a grande maioria de seus habitantes desenvolve atividades ligadas a terra, alguns trabalham com a pecuária, outros com agricultura que propiciam para muita gente oportunidade de trabalho, além disso, tem outras fontes de trabalho na comunidade como o comércio, o transporte e a educação.

Situada na antiga PA 150, hoje BR 155, km 35, Vila Sororó (Sentido Marabá-Eldorado dos Carajás). Hoje é uma localidade de grande extensão e com enorme perspectiva

²Dados coletados em conversa com um dos membros do Sindicato dos Produtores Rurais de Marabá.

de crescimento socioeconômico. A imagem a seguir mostra a localização da Vila Sororó no mapa do Brasil.

Imagem 01: Localização da Vila Sororó no território brasileiro (2017)



Fonte: Google Maps. Acesso em 06/03/2017

Imagem 02: Imagem aérea da Vila Sororó (2009)



Fonte: Acervo Pousada Sororó (2009)

Fundada no ano de 1994 as margens direita e esquerda da rodovia BR 155, conhecida popularmente por Km 35. Essa comunidade se constitui com famílias que vieram da região

de Marabá e de outras regiões do estado. A comunidade também já foi conhecida como Vila Canaã. No período de sua fundação a Vila Sororó possuía uma população de 300 pessoas, segundo informações da associação de moradores.

O desenvolvimento econômico da Vila teve início com a venda de produtos e lanches as margens da rodovia, contribuindo para a movimentação dos assentados em busca de apoio, até mesmo de vender a produção da lavoura e também, algumas madeiras existentes nos lotes, que contribuiu na construção de algumas casas da própria comunidade.

Na década de 1990 não houve um grande desenvolvimento, porém, as famílias estavam voltadas para a organização do assentamento e acrescia a quantidade de pessoas no movimento migratório para a região. O potencial econômico era pouco, pois havia somente a movimentação do comércio das margens onde era vendida a produção de arroz, banana, principalmente, o milho verde em quiosques (pequenos comércios) temporários.

Esse foi o início que propiciou a existência de tudo que há na comunidade, porém foi com a chegada dos pioneiros às terras que hoje formam o município de Marabá. É conveniente destacar como tem se dado o movimento migratório na comunidade, para isso o ponto de partida escolhido acontece no período que vai de 2010 a 2014, momento de grande expansão econômica e social, que despertou o interesse, uma vez que foi período em que as pesquisas realizadas no curso de Educação do Campo voltaram o olhar para a dinâmica do local.

A migração corrente na comunidade é oriunda de diversas partes do Brasil, contribuindo muito para a identidade cultural da localidade, vemos que o misto de hábitos e costumes regionais vindo de lugares longínquos acaba se fundindo com as demais e possibilitam nova maneira de viver agregando o novo com o já conhecido e trazido na bagagem cultural.

Para obter a informação sobre a origem dos moradores, foram entrevistadas 111 famílias, como já foi dito anteriormente, sendo 44 oriundas do Maranhão, 31 do Pará, 4 da Bahia, 2 de Pernambuco, 9 do Ceará, 3 do Goiás, 5 do Tocantins, 2 de Mato Grosso, 1 de Minas Gerais, 1 do Piauí, 1 do Paraná, 4 do Amazonas, duas de São Paulo e 2 de Alagoas. Porém a diversidade das regiões envolvidas em apenas 111 famílias entrevistadas, denota a riqueza cultural apresentada neste punhado de povos que são ricos em saberes e conhecimentos de vida. Todos os entrevistados tinham a idade entre 20 e 70 anos.

A comunidade de Vila Sororó esta povoada por 3.802 famílias, as mesmas contam com um posto de saúde improvisado em casa alugada, onde os próprios moradores pagam o

aluguel, um posto policial e três escolas para atender a população da localidade. Neste movimento com pessoas que chegam para trabalhar nos setores de serviços tais como: saúde, educação, segurança dentre outros agrega-se a estes os métodos de trabalhos e modos de fala, com todo seu rebuscado regional e surge uma expressão nova de cultura mista com marcas profundas de cada região.

Esse processo acima mencionado pode ser identificado às várias regiões, muitas vezes no conversar com um único transeunte, e em muitos casos se leva tempo para identificar sua origem. Fatos estes que foram levados em consideração para a escolha do ano de início de pesquisa do estudo migratório na comunidade de Vila Sororó (2010), pois foi o momento em que o quantitativo populacional teve seu maior levante, o comércio, o transporte e a educação sofreram grandes mudanças e merecem serem observadas essas transformações.

1.7 - Sobre o comércio local

A comunidade da Vila Sororó deu início às margens da rodovia BR 155, essa comercialização se fez devido a distância da mesma em relação a cidade de Marabá. Mais tarde com a migração e o desenvolvimento da agricultura a vila se fortalece, bem como o trabalho local, facilitando a vida das pessoas que ali moram e se desenvolvendo através de forças externas, forças estas que vem contribuindo enquanto atrativo para trabalhadores migrantes. O desenvolvimento do comércio local, por exemplo, tem contribuído para a melhoria da qualidade de vida da população local. Para reforço ao tema o Ministério da Fazenda (2000, p. 3) afirma: “Assim para efeitos deste estudo a área profissional de Comércio compreende uma cadeia de fatos econômicos que ocorrem antes, durante e após a troca propriamente dita”. Contribuindo, fatos tais, para a economia local e a facilidade das famílias que vivem em torno da Vila Sororó.

No ano de 2010 a comunidade de Vila Sororó já havia passado por transformações em seu quantitativo populacional, porém, não era tão significativo a ponto de provocar grandes mudanças no comércio. Neste período existiam estabelecimentos que não eram grandes a ponto de serem reconhecidos como supermercados ou comerciais, pois se enquadravam ainda na categoria de mercearias. Contudo alguns deles já ostentavam os letreiros de comerciais, como o caso do “Comercial SS, Comercial Arruda, Comercial Victória, Comercial Princesa e Comercial do Orlando”, que eram pequenos estabelecimentos, mas já vendiam uma grande variedade de produtos para a população.

Conforme pesquisa feita no 5º Tempo Comunidade, neste período a Vila Sororó podia contar com a disponibilidade de alguns estabelecimentos, cada um procurando conquistar sua clientela da melhor forma possível, os preços não eram os melhores do mercado, por serem pequenos tinham que comprar suas mercadorias de revenda em Marabá nos supermercados e atacadistas da cidade. A concorrência se estabelecia e determinava quem continuava com suas portas abertas, permitindo que o comerciante que oferecesse melhores produtos, ou atendimento diferenciado pudesse conquistar a clientela.

Na maioria das vezes essa conquista não se dava pela oferta de preços mais baixos e sim pela conquista da amizade do cliente, e em outros a oferta de prazos de pagamento das compras efetuadas, lembrando que prazos só são oferecidos quando a amizade já se demonstrava sólida entre ambas as partes. Com essa estratégia de negociação muitos dos pequenos estabelecimentos foram obrigados a fechar suas portas e outros abrir as suas e tentar novas possibilidades de ganhos (Informações do 5º Tempo Comunidade).

Porém o risco de perda era muito grande já que a mudança da freguesia era constante, pois muitos chegavam e em pouco tempo partiam em busca de novos horizontes e de melhorias dando continuidade ao ciclo migratório na região. Isso tudo acontecia pelo tipo de trabalho executado pelos migrantes que aqui chegavam e chegam até os dias atuais. Cabe mencionar que a maior parte desses migrantes vem para trabalhar nas fazendas e terras da vizinhança, porém, muitos não se adaptam as condições de trabalho e decidem ir para outras regiões.

Com a frequência do movimento migratório, outras atividades comerciais se estabeleciam na comunidade, comercializando e oferecendo serviços para os que estavam e que chegavam, porém, pode-se dizer que durante a observação notou-se que o setor de comércio e serviços não nascem na comunidade a partir dos migrantes e sim chegam com as famílias, numa tentativa de estabelecer um negócio promissor, só que em muitos casos não duram muito tempo e fecham as portas. Atividades comerciais como: pequenas lojas de confecção, eletroeletrônico, armarinho, moto peças, sorveteria, lanchonete, bares, restaurantes e outros. Contudo cada momento é um desafio de sobrevivência e adaptações a realidade do lugar.

A questão do fechamento de portas as vezes parece ser um problema, porém, apesar da quantidade de estabelecimentos que param de funcionar o número de fornecedores de serviços não param de crescer, refletindo o montante de pessoas que chegam a comunidade evidenciando cada vez mais o movimento migratório.

A medida que os anos vão passando essa comunidade vai se desenvolvendo mais e sofrendo com o desprezo das autoridades que ficam a administrar para si, e não para o povo, pois como pode ser percebido não se oferece o serviço médico público para as pessoas que compõe a coletividade deste lugar. Não há posto médico até os dias atuais para socorro dos desvalidos e moribundos que por ventura chegam a adoecer.

De acordo com as informações obtidas durante a pesquisa, no período investigado existiram 22 estabelecimentos, porém 10 fecharam as portas por motivos diversos que podem ser: falta de clientela, má gestão administrativa ou outros problemas. Porém é bom destacar o desenvolvimento de dois estabelecimentos, pois enquanto uns deixavam de existir ou estagnaram, os comerciais SS e Orlando se desenvolveram, e se destacam no ramo alimentício, tomando formato de grandes estabelecimentos a comparar-se até melhores que alguns da cidade. Com o aumento da concorrência os estabelecimentos citados buscaram diferenciar-se dos demais, contudo o Comercial SS toma a liderança das vendas de secos e molhados para a comunidade e vilas vizinhas.

Neste segmento do comercio, observando a linha de tempo de pesquisa foi a modalidade de serviço que mais se desenvolveu na comunidade, pois de 2010 para 2014 o acréscimo de estabelecimento se estabilizou e, poucos fecharam as portas. Em relação a oportunidade de trabalho para as pessoas da Vila Sororó, somente os bares não oferecem vagas de trabalhos, pois os funcionários se restringem a família do proprietário onde os mesmos não possuem uma renda em formato salarial. O lucro obtido no estabelecimento é utilizado na manutenção da família em geral sem divisão de renda particular.

Os restaurantes e as lanchonetes apesar de sua maioria ter suas famílias envolvidas no processo de manutenção do estabelecimento, eles oferecem vagas de trabalho disponível para pessoas da comunidade.

CAPÍTULO 2 - MIGRAÇÃO E OS IMPACTOS SOBRE A EDUCAÇÃO LOCAL

Brandão (1993, p. 33) afirma que “A educação não é mais do que o desenvolvimento consciente e livre das faculdades inatas do homem”, sendo assim, a educação é um processo de aprimoramento que existe no ser, e inovando a cada dia com novos conhecimentos, que são direcionados não só em sala de aula como também nos demais ambientes sociais. Durkheim (1952) *apud* Brandão (1993) menciona que:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destina (p. 33).

Deste modo a educação vem para desenvolver o ser que deve desempenhar seu papel social e suas responsabilidades destinadas ou “demandadas pela sociedade”, terminado como certo, ético e até coerente no que diz respeito ao desenvolvimento humano e social de cada indivíduo.

Contudo, Freire (1991) falando sobre o assunto diz que:

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um que fazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (p. 126).

Seguindo a mesma linha de reflexão fica evidenciado que a eficácia da educação está no ser humano, onde emprega o desejo de mudança na realização dos “sonhos”. Ainda de acordo com Freire (1975, p. 30), “não é a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade”. A educação mais uma vez sendo colocada como um auxílio para chegar as conquistas, não como um fim direto.

Freire continua dizendo:

[...] é preciso que a educação esteja - em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue, (FREIRE, 2006, p. 45).

A educação se adapta ao cotidiano como uma porta aberta, entrada das transformações buscadas por cada pessoa, que se dispõe a percorrer o caminho do conhecimento à resolução das diversas necessidades.

2.1 - O contexto educacional na Vila Sororó

Com o crescimento da comunidade, seguindo o fluxo migratório, surgiu a necessidade da educação escolar, pois, “[...] nunca as pessoas crescem a esmo e aprendem ao acaso” (BRANDÃO, 1993. p. 23). Sendo assim, é necessário buscar conhecimentos para um crescimento social satisfatório, para tal é importante apoiar-se, além da educação que ocorre no meio familiar e em outros espaços de vivência do sujeito, também, na educação escolar.

Hortas referindo-se à escola diz:

Ela garante a sobrevivência da sociedade no sucedâneo tranquilo de gerações, com vida finita; ela assegura a conservação do patrimônio fundamental de saberes acumulados; e, ao mesmo tempo, garante as condições da sua renovação inovadora e criativa. (HORTAS, 2003, p.13)

Portanto, a escola tem um papel fundamental na sociedade, construindo saberes e possibilitando oportunidades que garantam o futuro dos envolvidos com a realidade vigente.

Sendo assim, a comunidade da Vila Sororó viu a necessidade da construção de espaço escolar formal, visando o prosseguimento educacional das crianças da comunidade. Em 1990, foi construída uma única sala de aula, com apenas uma professora. Contudo, somente em 1992, foi acrescentada uma pequena cozinha, que funcionava, também, como secretaria e depósito de merenda, uma parceria na construção, pais e Prefeitura Municipal de Marabá. A escola recebeu o nome na época de Marcus Mutran, ofertava ensino de 1ª a 4ª série e contava apenas com vinte alunos em modalidade multiseriada.

Em 1996 por recomendação do administrador municipal Geraldo Mendes de Castro Veloso, foi realizado um plebiscito pelos membros da comunidade escolar para escolher

outro nome, considerando que o nome era sem relevância histórica social para região, e o nome escolhido foi Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmã Adelaide Molinari, em homenagem a uma freira que foi brutalmente assassinada em Eldorado dos Carajás (a biografia da Irmã Adelaide Molinari encontra-se em anexo). Passando por uma reforma em 2002, foram acrescentadas mais duas salas de aula, uma secretaria, dois banheiros (masculino e feminino), uma cozinha, um refeitório, uma dispensa e uma sala de leitura, e o teto passou para telha de barro, mas no que se refere às paredes, estas continuavam de madeira.

Logo em 2003 houve então a necessidade de mais três salas de aula, que foram cedidas como anexo à casa da Associação dos Pequenos Produtores Rurais do Assentamento Piquiá I. Devido ao aumento do número de alunos e a série que já ofertava o ensino do jardim ao 9º ano do Ensino Fundamental, logo em seguida a Prefeitura de Marabá locou um ambiente mais adequado, cômodo aos alunos e também, aos professores, que vinham de Marabá.

O modelo de ensino até 2009 era modular, a partir de 2010 passou então para regular, tudo era um sonho, a construção do prédio da escola no ano de 2010, ambiente com salas amplas e quadras de esportes, a infraestrutura da escola poderia ser melhor, ainda falta muito, laboratório de informática, biblioteca com uma pessoa capacitada para orientar os estudantes, com banheiros adequados para educação infantil.

A educação da comunidade da Vila Sororó tem passado por grandes transformações para atender a demanda de pessoal, pois percebe-se através da observação do fluxo educacional, que a comunidade deixou de ser considerada simplesmente como um ponto de passagem (termo utilizado no início da pesquisa para justificar as partidas das pessoas que constantemente buscam um novo refúgio para ganhar a vida longe da vila). A imagem número 03 apresenta a escola Adelaide Molinari inaugurada no ano de 2008, onde permaneceu como única escola da comunidade até 2014.

Imagem 03: E. M. E. F. Ir. Adelaide Molinari



Fonte: Arquivo da própria escola

2.2 - A Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmã Adelaide Molinari

A escola pesquisada fica localizada na Rua Sebastião Miranda, quadra especial, sem número. A história da escola é pautada por muita luta e desejo por parte de seus funcionários de terem dias melhores para as crianças que ali frequentam. No entanto, a pesquisa inicia-se a partir de 2010, período da história em que a educação desse lugar teve o início ao inchaço populacional, pois a partir deste ano o número de alunos foi crescente, denotando que a migração na comunidade estava cada dia maior.

A tabela 1 a seguir apresenta algumas informações gerais sobre alunos e professores e infraestrutura da escola pesquisada.

Tabela 01 : Informações gerais de quantidade de alunos, professores e salas

Número de alunos inicial e final			Número de Professores	Infraestrutura
2010	678	624	18	7 Salas
2011	734	689	18	7 Salas
2012	837	803	22	11 Salas
2013	910	839	22	11 Salas
2014	874	816	22	11 Salas

Fonte: Secretaria da escola Adelaide Molinari (2015)

A tabela acima traz informações estatísticas de alunos matriculados no início e final do ano, quantidade de professores e salas de aulas de 2010 a 2014. Quanto ao aumento no número de professores e salas, a partir de 2012 houve um crescimento no número de alunos, havendo a necessidade de anexos para atender a demanda de alunos que se chegavam à escola através do movimento migratório que permanece contínuo. A fim de atender a demanda que cresce, significativamente, foi implementado 4 turnos, sendo eles: Manhã das 7h às 10h45m; Intermediário das 11h às 14h45m; tarde das 15h às 18h45m; Noite das 19h às 21h45m, para atender o ensino médio de forma modular não representada na tabela acima. Como pode ser observado em todos os anos apresentados, o número de alunos que finaliza o curso é menor do que o número de alunos que inicia. Esse dado está relacionando, justamente, com o processo migratório.

2.3 - Impactos na educação local

Vila Sororó é uma comunidade rural, neste contexto, cabe mencionar que a Educação do Campo surgiu do interesse relacionado a realidade da educação brasileira e, em particular, para atender às comunidades que vivem e trabalham no campo...

E tratou-se primeiro de uma crítica prática: Lutas sociais pelo direito a educação, configuradas a partir da realidade da luta pela terra, pelo trabalho, pela igualdade social, por condições de uma vida digna e seres humanos no lugar em que ela aconteça. É fundamental considerar, para a compreensão da constituição histórica da Educação do Campo, seu vínculo de origem com as lutas por educação nas áreas de Reforma Agrária e como, especialmente nesse vínculo, a Educação do Campo não nasceu como uma crítica apenas de denúncia, mas como contraponto de práticas, construção de alternativas, de políticas, ou seja, como crítica projetiva de transformações, (CALDART, 2010, p.106).

A comunidade da Vila Sororó até o ano de 2014 contou somente com uma escola, a E. M. E. F. Ir. Adelaide Molinari, para atender a demanda de alunos que ali chegavam, trabalhando com alunos de faixa etária diferenciada, pois na escola estudavam do Jardim I ao 9º ano. Embora no ano de 2012 deu-se início o ensino médio na escola, a demanda maior sempre foram os alunos do ensino fundamental.

O fluxo de pessoas é muito grande, porém, a cada partida há uma substituição em dobro. De cada família que deixou a comunidade duas ou mais passou a viver na localidade

e a comunidade iniciou um processo de expansão desordenado, tendo até área de ocupação, neste contexto a inclusão dos alunos migrantes é fundamental. Assim como os assentados e as lideranças dos movimentos sociais, também os gestores governamentais e os agentes de extensão rural (sejam eles órgãos governamentais, universidades, organizações não governamentais ou empresas privadas) convergem sobre a necessidade de elevar os níveis de escolarização dos assentados como requisito para a organização comunitária, o desenvolvimento tecnológico e o êxito econômico dos assentamentos (CNEC, 2004).

“Conhecer” o aluno migrante e descobrir os “problemas vividos na escola” é fundamental para que este aluno se sinta integrado ao sistema educacional local. Permitindo que ele perceba que faz parte de um novo cotidiano, porém que é um personagem que tem ação direta e significativa na construção da história do lugar. Essa tarefa tem sido uma das deficiências da educação local, o aluno acaba não sendo estimulado a valorização da cultura local, e nem mesmo naquela que traz na sua bagagem da vida. Esta constatação vai ao encontro das reflexões de Brandão (1993, p. 16):

Quando um povo alcança um estágio complexo de organização da sua cultura; quando ele enfrenta, por exemplo, a questão da divisão do trabalho e, portanto, do poder, é que ele começa a viver e a pensar como problema as formas e os processos de transmissão do saber.

Pensando assim fica claro que a escola não só tem que buscar conhecer os seus alunos migrantes para ajudá-los na jornada, proporcionando conhecimento sobre seus direitos como ser humano, a sociedade que o cerca, e as mais diversas possibilidades de aprendizagem.

Observa-se que a escola tem que adequar-se às necessidades dos educandos, relembando Brandão que diz:

Cada tipo de grupo humano cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar as crianças, aos adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que o tornarão um dia o modelo de homem ou mulher que o imaginário de cada sociedade – ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela - idealiza, projeta e procura realizar (BRANDÃO, 1993, p. 22).

Com esta pesquisa pode-se perceber uma fragilidade na educação local, porém a mesma demonstra uma tentativa de estruturação para sanar as carências em relação a integração do aluno migrante. “A educação aprende com o homem a continuar o trabalho da

vida” (BRANDÃO, 1993, p. 13), neste aspecto é fundamental que a escola continue a trilhar o caminho que permite a valorização do ser.

Outro aspecto relevante que não poderia deixar passar despercebido, diz respeito à infraestrutura física da escola. Esta é insuficiente o que acaba por provocar a superlotação, com isso, se percebe o descaso dos poderes públicos levando a comunidade a realizar tarefas que são obrigação do poder público, como por exemplo construir salas para atender melhor a demanda crescente de alunos produto dessa migração.

2.4 - Fluxo de aluno: estatística geral de alunos

Para demonstrar o fluxo migratório na comunidade Vila Sororó usando a educação como base, foi preciso comparar a quantidade de alunos matriculados no início do ano na escola, com a matriculada no final do ano. Porém para um estudo mais detalhado seria necessário verificar outros fatores, como por exemplo, se basear no total de alunos transferidos e de abandono dos alunos.

Em conversas com funcionários da escola e ao relembrar o período de construção da mesma, (período de construção foi entre 2007 e 2008), que a princípio seria para comportar um número de 210 alunos por turno aproximadamente, contudo o que se observa é que a demanda foi aumentando de acordo com o processo de migração para a comunidade.

A tabela II abaixo mostrar a estatística do fluxo de alunos na escola no período de 2010 a 2014.

Tabela 2 -Estatística geral de alunos

Nº	Ano	Matrícula Inicial	Matrícula Após a Inicial	Transferência		Alunos Afastados		Matrícula Final
				Recebidas	Expedidas	Abandono	Cancelado	
01	2010	678	X	90	80	68	X	620
02	2011	734	X	101	101	33	12	689
03	2012	837	X	78	80	29	1	805
03	2013	910	X	81	152	X	X	839
04	2014	874	36	105	184	X	X	831

Fonte: Secretaria da escola Irmã Adelaide Molinari (2015)

Observando a tabela da estatística de alunos pode ser notado que a menor quantidade de alunos na escola foi no ano de 2010, menor quantidade de matrícula inicial e a menor final, pois nos anos que se seguem é crescente a quantidade de alunos na escola. Neste período a escola recebeu 682 alunos, para iniciar o período letivo, finalizando o ano com 624, recebendo também 90 transferências e foram expedidas 80.

Possivelmente pode-se dizer que a vila ganhou mais alunos do que perdeu, contudo pode-se observar que abandonaram a escola 68 alunos sendo o maior índice de abandono escolar no período de tempo estipulado para pesquisa, uma hipótese levantada é de que parte desses, também foi embora, pois muitos que deixam a escola até nos dias atuais só retornam à procura de documentos educacionais quando é preciso se matricular outra vez, ou em outra instituição. Nota-se que o fenômeno migratório foi frequente, contudo não foi tão grande quanto nos anos que se seguem 2012, 2013 e 2014.

O fluxo de alunos na escola reflete o ‘vai e vem’ de pessoas em busca de uma vida melhor. Pois a cada família que vai para outros lugares segue-se com estas partes dos alunos da escola, já que não podem ficar só. Tecendo uma reflexão com o pensamento de Durkheim (1952, apud BRANDÃO 1993, p.71), este pensador explica essa ação de ‘vai e vem’ de pessoas da seguinte forma:

A educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objeto suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine.

Fato curioso também, é que os anos de 2013 e 2014 não constam abandono nem cancelamento de matrícula, os alunos que deixam a escola são por transferência. Sendo que em 2014 é o único ano que consta matrícula após o início das aulas. Foram recebidos na escola nesta modalidade 36 educandos, esses possivelmente não estavam atentos ao calendário de matrícula e deixaram para última hora. Neste mesmo ano foram recebidas 105 transferências, porém foi o campeão de saída de alunos transferidos chegando à marca de 184 educandos de saídas para outras escolas do município, ou para outros lugares do Brasil como Goiânia, pois tem sido o comentário mais frequente, ‘onde vou morar’ entre os alunos. O ano terminou com 816 alunos.

Os anos de 2010, 2011 e 2012 foram os únicos em que aconteceu abandono de alunos se evadindo da escola, esses alunos possivelmente buscaram trabalhos nas fazendas e

chácaras da comunidade, pois, há de convir que os mesmos são impelidos pela necessidade de adquirir meios para ajudarem suas famílias a terem melhores condições de vida, já que muitos quando são inqueridos a uma resposta para o afastamento da escola, citam logo a precisão de ajudar os pais.

Porém ao que parece a escola tem alcançado a proposta de manter os alunos na escola, pois foi reduzindo gradativamente ano após ano a quantidade de crianças que ficam fora da escola. A conscientização dos alunos por parte dos educadores para com a importância de buscar maior quantidade de saber possível para melhoria de vida tem surtido efeito na mente dos educandos.

Observando os mapas de estatísticas finais de cada ano pode-se constatar que em 2010 só na modalidade abandono, 68 alunos deixaram a escola e não houve nem um cancelamento de matrícula. Os alunos simplesmente deixaram de vir a escola e não retornaram, alguns partiram da comunidade, outros permaneceram na localidade e buscaram seguir suas vidas sem a companhia da escola.

Já em 2011 aconteceram 33 abandonos e 12 cancelamentos, a curiosidade nesse caso é que os alunos que cancelaram suas matrículas, o fizeram pelo mesmo motivo: entrar no mercado de trabalho para ajudar a família nas despesas.

Em 2011 os alunos que deixaram a escola foram num total de 45, uma diferença de 23 educandos em relação ao ano de 2010. Porém no ano seguinte (2012) do total e 45 matriculados 29 foram abandonos e um (1) cancelamento. Esse um (1) aluno que cancelou a matrícula para trabalhar denota que os educadores estavam agindo para mudar a cultura do abandono escolar, usando como resposta o trabalho para ajudar a família, porém percebe-se que apesar dos esforços por parte dos educadores, a necessidade ainda afastou alunos da escola, promovendo uma diferença de 11 alunos em relação ao ano de 2010. No entanto, nota-se que a prática do abandono estava sendo superada, dando lugar a um mundo de transformações através da educação e aquisição de novos conhecimentos.

Esse trabalho de valorização do saber tem-se perpetuado nas ações dos educadores de modo a fazer com que os alunos tenham ânimo para estudar e trabalhar, conciliando as duas atividades mesmo sendo árduo a “peleja”, (termo que costuma ser usado pelos alunos). Muitos dos alunos trabalham um turno e estudam em outro e logo que termina a aula retornam ao trabalho para finalizar suas jornadas de trabalho. Isso ocorre porque os empregadores, também, comungam da ideia de que quanto maior o conhecimento do

empregado melhor o desenvolvimento do trabalho. E como se era de esperar nos dois anos seguintes 2013 e 2014 não aconteceu abandono escolar.

Percebe-se no convívio escolar que a migração se torna aparente na demonstração das culturas dos educandos, nos sotaques regionalizados, nos trajes e modos de se comportarem. A socialização dos educandos tem sido uma troca de experiência e cultura, até mesmo quando se recebe um aluno que é nascido no município mais morava na cidade.

Analisando a migração dentro do contexto educacional, e usando as informações de transferências recebidas e emitidas pela escola, percebe-se que a quantidade de pessoas que partem da comunidade é bem maior do que as que ali chegam. Analisando os dois últimos anos como base, constatou-se que foram recebidos 186 alunos transferidos para a escola da comunidade, porém foram emitidas 336 transferências.

Sob a ótica acima mencionada pode-se dizer que os migrantes diminuem a cada ano, mas isso é uma inverdade, pois mesmo muitos deixando à escola a quantidade de alunos que chegam ao final do período letivo é sempre maior a cada ano. Um exemplo é o ano de 2010, que fechou o ano com 624 alunos e 2014 finaliza com 816 educandos, uma diferença de 192 alunos a mais na escola.

É notório o trabalho e contribuição da escola em apoio e melhoria do bem-estar sociocultural, pois as tentativas de socialização dos envolvidos são constantes, trabalhos e projetos têm favorecido bastante o estreitamento das relações dos membros da comunidade com a escola.

Uma ação pedagógica desenvolvida na escola e que tem contribuído para aproximar a escola da comunidade é a horta escolar. Essa é uma ação que tem levantado muitas oportunidades de conversas entre alunos e até mesmo educadores. Construção de salas de aula com a participação dos membros da comunidade, são pontos de diálogos e transmissão de costumes dos envolvidos, permitindo uma variação maior e melhor do conhecimento social. O processo migratório na comunidade de Vila Sororó promove impactos, benéficos no comércio, forçando a ampliação diante das necessidades demandadas. Os mesmos impactos acontecem em todos os setores, no transporte, infraestrutura, principalmente na educação. Tais impactos também são sentidos em todos os setores, levando a crer dentro das observações vividas, que a parte mais afetada é a educação. Pois sofre com merenda insuficiente, salas lotadas e a oscilação do vai e vem de alunos, trazendo prejuízo no ensino aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a comunidade de Vila Sororó tem crescido de forma significativa. É nítido as transformações na comunidade, a mistura de cultura oriunda do local de origem de cada migrante que chega a comunidade. Foi possível verificar que o comércio tem obtido êxito com o aumento da incidência de pessoas transitando pela comunidade, pois tem tirado proveito deste crescimento e renovação constante de migrante, que chegam com novas oportunidades de trabalho e de vendas e compras para toda comunidade.

A presente pesquisa pôde contribuir demonstrando o fluxo migratório no contexto da educação da comunidade da Vila Sororó e proporcionar um melhor entendimento sobre os acontecimentos na comunidade. Muitos deixam a escola por acreditar que estão fazendo o certo, já que o mais urgente é ajudar a família da melhor forma possível, mesmo que isso signifique abandonar a escola e perder chances futuras de ganhos maiores.

Quanto ao papel dos educadores estes têm contribuído com a comunidade não somente na construção de salas que seriam responsabilidade do gestor público, mais na contribuição direta da construção de vida através do vasto conhecimento oferecido a todos sem distinção.

Quanto ao objetivo, as consequências provocadas pelo processo migratório na vila Sororó, em parte, foram respondidos, uma vez que o ‘cenário é variável’, nos números no contexto da educação, avaliar o processo migratório em uma comunidade as margens da rodovia, como ‘núcleo’, tendo ao redor 18 projetos de assentamentos, Vila Sororó é tida como ponto de chegada e ponto de partida, como se fosse uma rodoviária. Contudo dessa forma os impactos negativos e positivos caminham lado a lado.

Depois do período pesquisado que foi de 2010 a 2014 houve demandas no meio da educação forçando a expansão no sistema educacional da Vila Sororó. Somente no ano de 2016 foram inauguradas duas escolas para atender a demanda que só cresce, uma sendo projeto Pro Infância, a outra atendera o fundamental II por ser um projeto do Governo Federal para a expansão da educação no meio rural.

Por ser um tema envolvente, porém complexo, os impactos provocam desconforto na educação, ora salas superlotadas, ora vazias, também promovendo descontrole com a merenda escolar. Os impactos positivos levam a crê que são relevantes para a comunidade,

pois a expansão na moradia, no comércio, no transporte são notórios, até mesmo como citado acima o aparecimento de duas novas escolas, contribuindo na acomodação dos alunos que superlotavam a escola pesquisada.

As dificuldades encontradas na realização desta pesquisa foram muitas, não daria para pontuar, mais a de maior destaque é à acessibilidade ao sistema de comunicação que é restrita, pois não pega em todos os lugares, dificultando as pesquisas via internet e envio e recebimento de documentos digitalizados. O tempo disponível das pessoas para conversar sobre o assunto da migração na comunidade, a ausência de escritos para confirmação de informações e por ser a primeira pesquisa *in loco* na comunidade.

A presente pesquisa encontrou grandes desafios, porém deixa sugestões para que outros estudos possam ser desenvolvidos e trazer novas informações sobre o tema estudado.

REFERÊNCIAS

BECKER, Maria Olga Schild. **Mobilidade espacial da população: conceitos, tipologia, contextos**, in: CASTRO, Iná Elias de et al., Explorações geográficas: Percursos no fim do século, Rio de Janeiro, Bertand, 1997, p. 319-367.

BRANDÃO, Carlos Antônio. **Território e desenvolvimento: as múltiplas escalas entre o local e o global**. Campinas Editora da Unicamp, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: brasiliense, coleção primeiros passos, 28ª ed., 1993.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: Notas de uma análise do percurso in MOLINA, Monica. **Educação do Campo e Pesquisa: questões para reflexão II**, Brasília, 2010. p.103-126.

CALDART, Roseli Salete. **Educação em movimento: formação de educadoras e educadores no MST**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, 180 p.

Formação de educadoras e educadores no MST. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997, 180 p.

CARDOSO, Univaldo Coelho. Cooperativa. / Univaldo Coelho Cardoso, Vânia Lúcia Nogueira Carneiro, Édna Rabêlo Quirino Rodrigues. – Brasília: Sebrae, 2014. 62p. : il. (Série Empreendimentos Coletivos).

CASTRO, Luiz Humberto de; DAMÁSIO, Andrea Mageste. Referenciais de Cooperação do Sebrae. Brasília: Sebrae 2012.

CARVALHO, Carlota. **O Sertão: subsídios para a história e a geografia do Brasil**. 2ª edição. Imperatriz: Ética, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO – CNEC, 2. **Declaração final: por uma política pública de educação do campo**. Luziânia: 2004.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa Do Brasil, 1988.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa Do Brasil. **Lei nº 5.764/71**, Brasília, 1971.

DAMIANI, Amélia Luiza. **População e Geografia**. São Paulo: Ed. Contexto, 1997.

EMMI, Marília Ferreira. **A Oligarquia do Tocantins e o Domínio dos Castanhais**. Belém, Centro de Filosofia e Ciências Humanas/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/UFPA, 1988. 196 p. (Coleção Igarapé).

FREIBERGER, Regiane Muller; BERBEL, Neusi A. Navas. **A importância da pesquisa como princípio educativo**. PUCPR, 2009.

FREIRE, P. **“Convite à leitura”**. São Paulo: Scipione (Série Pensamento e Ação no Magistério), 1991, p.126

Google Maps. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps> Acesso: 06/03/2017

HORTAS, Maria João. **Educação e imigração**: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico do centro histórico de Lisboa / Maria João Hortas. – (Estudos OI; 50) ISBN 978-989-685-054-8

MARIA, Joelma. **Ciclos Economicos**. Descobrindo Marabá, almanaque virtual.

MARINUCCI, Roberto; MILESI, Ir. Rosita. **O fenômeno migratório no Brasil**. Instituto Migrações e direitos humanos e Centro Scalabriano de Estudos Migratórios. Brasília-DF, 2002.

MATTOS, Maria Virginia Bastos de. **História de Marabá**. 2ª Edição. Marabá: Grafil, 2013.

MATTOS, Maria Virgínia Bastos de. **História de Marabá**. Marabá,PA : Gráfica Itacaiúnas, 1996.

MINISTÉRIO da Fazenda. **Relatório da Distribuição Pessoal da Renda e da Riqueza da População Brasileira**. Secretaria de Política Econômica, maio 2016.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **A práxis Pedagógica do Ensino Por Projeto no Ensino Fundamental**. UFRPE, 2007.

PEARCE, L. D. (2012), "Mixed methods inquiry in Sociology", *American Behavioral Scientist*,56,829-848.DOI : [10.1177/0002764211433798](https://doi.org/10.1177/0002764211433798)

POLÉSE, M. *Economia regional e urbana*. Coimbra, APDR. (1998)

RAMOS, Maria da Conceição. **Migrações, Desenvolvimento e Dinâmicas Locais e Regionais, Grandes Problemáticas do Espaço Europeu...**, Porto: FLUP, 2012, p. 63 – 102.

RAMOS, M. C. Pereira. "**Desafios da mobilidade internacional do trabalho em Portugal**". In Alves, M. Brandão *et al.* (Orgs.) *Por onde vai a economia portuguesa?*Lisboa, ISEG, (1995) pp. 129-176.

RIBAS-MATEOS, N. (2004), *Una invitación a la sociología de las migraciones*, Barcelona: Ediciones Bellaterra.

ROSSINI, Rosa Ester. A migração como expressão da crescente sujeição do trabalho ao capital. In: **Anais do IV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Águas de São Pedro: Abec. P 577-590, 1996.

SEREJO, Tereza Cristina L. de. Coronéis sem patente; a modernização conservadora no sertão pernambucano. Proposta Rio de Janeiro, Federação de Órgãos de Assistência Social e Educacional, (13) 1980.

SERQUEIRA, Wagner de. **Serra Pelada**. Brasil Escola. Disponível em: <http://www.brasilecola.com/brasil/serra-pelada.htm>. Acesso: 05/07/2016

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO APLICADO NA COMUNIDADE DA VILA SORORÓ NO
PERÍODO QUINTO TEMPO COMUNIDADE

Lista: Kelly
(Mae) Kelly 12

QUESTIONÁRIO BÁSICO - 2013
Município de Marabá - Vila Sororó
LISTA DE MORADORES - EM 03/06/2013

	NOME	SEXO MF	IDADE	NATALIDADE	Nº FILHOS
1	Regina	F		maranhão	2
	Valdir	M		maranhão	
2	Jailene	F	27	pará	2
	Elisguim	M	31	pará	
3	Neleto	M	28	ceará	2
	diana	F	22	maranhão	
4	Antonia da	F	34	maranhão	4
	Adrião	M	34	goiás	
5	Maria	F	22	Maranhão	8
	Isaia	M	32	pará	3
6	Maria do Jesus	F		pará	3
7	marinalba	F	55	pará	5
	Jorge ribbes	M	68	ceará	
8	Christiana	F	31	maranhão	2
	gato	M	43	maranhão	
9	Vaudeani	F	39	maranhão	4
	Raimundo	M	33	pará	
10	Vanderleia	F	39	pará	3
	Leandro	M	46	maranhão	
11	Josina Miranda	M	61	Maranhão	3
12	Gilberto	M	40	paraná	2

André Costa

Almeida

2

QUESTIONÁRIO BÁSICO - 2013

Município de Marabá - Vila Sororó

LISTA DE MORADORES - EM 03/06/2013

	NOME	SEXO MP	IDADE	NATURALIDADE	Nº FILHOS
1	Syntônio	M	33	PARÁ	
2	Adriana	F	24	PARÁ	3
3	Francisco Maria	F	52	pitagora	10
4	Nepta - Maria Pereira	F	56	Paraná	12
5	Isidoro Chaves	M	46	maranhão	2
	Valdelise	F	39	Para	
6	Irana Ferreira	M	26	maranhão	2
	Flávia	F	21	tocantins	
7	Evina	F	26	maranhão	3
	Deocio	M	28	maranhão	2
8	Renata	F	25	maranhão	6
9	Rosângela	F	28	Para	3
	Alexandre	M	31	Para	
10	Celia	F	49	maranhão	1
11	Rafaela Palácio	F	42	Goias	6
	Francisco Dupre	M	48	maranhão	
12	Alcides Rodrigues	M	60	tocantins	4
	Lindalva Costa da Silva	F	53	maranhão	

Josélia Brito dos Santos

QUESTIONÁRIO BÁSICO - 2013

Município de Marabá - Vila Sororó

LISTA DE MORADORES - EM _____ / _____ / _____

NOME	SEXO	IDADE	NATALIDADE	Nº FILHOS
1 Am Paulo dos Santos Silva	F	20	Maranhão	
2 Eugénis	M	44	Maranhão	4
Cleomilda	F			
3 Alan	M	20	Maranhão	
Rafael	M	18	Para	
Yajima	F	26	Para	
4 Fereza	F	21	MARABÁ	1
ZILVAN	M	31	MARABÁ	
5 ZULIANI	F	38	MARANHÃO	5
JOZÉ	M	39	MARANHÃO	
6 Jussiane	F	20	Maranhão	1
IVOR	M	28	Maranhão	
7 Luiza Maria	F	70	Maranhão	6
Antônio		/		
8 Luonilde	F	32	TO - PALMAS	4
9 Selma	F	38	Para	6
Momoel	M	45	Para	X
10 MARIA ESTHE	F	37	MARABÁ	3
JOÃO PEDRO	M	X	Maranhão	

Rainurunda

12

QUESTIONÁRIO BÁSICO - 2013

Município de Marabá - Vila Sororó

LISTA DE MORADORES - EM 03/06/2013

NOME	SEXO	IDADE	NATURALIDADE	Nº FILHOS
1 Rogani Souza	F	42	Ceará	3
Pedro Souza			Ceará	X
2 Regina	F		Maranhão	2
Valdir			Maranhão	X
3 Cristiano	M	22	Maranhão	X
4 Silvestre	F	35	Maranhão	6
Valdir		40	Pernambuco	X
5 Marlene Maria	F	57	Pernambuco	1
Mansel Lopes	M	58	Goiás	X
6 Samira	F	34	Maranhão	3
7 Ireno	M	67	Maranhão	8
8 Marlene de Jesus	F	59	Bahia	12
Mansel Besp	M	62	Bahia	1
9 A. Francineide	F	43	Ceará	6
Gilberto Silva	M	42	Ceará	X
10 Fabiana	F	32		3
Ercan	M	45	Bahia	X

01 - Paraíba
 01 - Piauí
 01 - Minas Gerais
 02 - Mato Grosso
 05 - Tocantins

Total de 111 Famílias
 31 - Paraíba
 04 - Bahia
 44 - Maranhão
 02 - Pernambuco
 09 - Ceará
 03 - Goiás

Ailton

QUESTIONÁRIO BÁSICO - 2013

Município de Marabá - Vila Sororó

LISTA DE MORADORES - EM _____/_____/_____					
	NOME	SEXO MF	IDADE	NATALIDADE	Nº FILHOS
1	Luiz Carlos Pereira Brasil	F	34 anos	Paraíba	6
	Jupia Jami	M	34	maranhão	X
2	Raimundo Francisco	M	69	rio grande	22
3	Mania Siqueira	F	44	maranhão	3
	Manuel	M	95	Maranhão	X
4	Jandira Maria	F	25	Paraíba	3
	Wendra da Silveira	M	28	Bahia	X
5	Luiz	M	37	pernambuco	6
6	Lucia	F	51	Margaria	3
7	Waldo	M	38	Mato Grosso?	
8	Lucilene	F	30	Paraíba	X
9	Domingos	F	38	maranhão	3
10	Leucio	F	23	urubalandia	X
11	Alina	F	24	Paraíba	3
	Uelton	M	31	Paraíba	X
12	Regina Lucia M	F	39	maranhão	2
	Waldo	M	36	maranhão	X
13	Elisliana Pereira	F	34	maranhão	3
	Lincolnson de Souza	M	40	mato grosso	3
14	Reika Alves Soares	F	37	Paraíba	6
15	Diana da Silva Soares	F	31	Paraíba	1
16	Valdineia da Silva S	F	28	maranhão	3
17	Regiane	F	25	Paraíba	3
	Padre	M	40	Paraíba	X
18	Marlene	F	40	maranhão	2
	Raimundo	M	45	Paraíba	X

do Norte

em 11/13

ANEXO
BIOGRAFIA DA IRMÃ ADELAIDE MOLINARI

Irmã Adelaide Molinari, filha de agricultores, Salvador e Cecília Molinari, nasceu em Garibaldi-RS, aos 02/02/38, mudando-se, ainda menina, para Palmeira das Missões-RS. Trabalhava com a família na roça. Aí descobriu sua vocação religiosa. Com o apoio de seus pais, foi morar com as Filhas do Amor Divino. Estudou. Tornou-se Religiosa e assumiu o Carisma da Congregação: estar a serviço dos mais necessitados. Irmã Adelaide foi uma das primeiras Filhas do Amor Divino que se dispôs a trabalhar nas Missões, no Pará. Chegou em Eldorado aos 08 de abril de 1983 com mais duas Irmãs para ser presença de Igreja no meio daquele povo pobre, sofrido e necessitado.

A 14 de abril de 1985 foi cruelmente assassinada à bala, em meio a muita gente, na Rodoviária de Eldorado, após missão cumprida aqui na terra. Havia solicitado passagem para regressar a Curionópolis, onde se encontraria com as demais irmãs e de cuja comunidade era coordenadora.

Nesta oportunidade esperava-a o mais traiçoeiro gesto humano: o assassinato. Ali ela se encontrou e conversou com o Delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Marabá-PA, o qual estava sendo visado e foi, neste momento, vítima de atentado. Irmã Adelaide só teve tempo de dizer: "Meu irmão, não faça isso", quando o pistoleiro, insensível, detona o tiro fatal, que fez a bala atravessar o tórax, sendo mortal para Irmã Adelaide. Atingindo-a também no pescoço, por onde derramou todo seu sangue. O sangue de Mártires é sementeira de novos cristãos. O sangue derramado de Irmã Adelaide gera nova vida para o Reino.